

Capital social, um conceito estruturante

Prefácio

Correia, Sofia, 2006, *Capital social e comunidade cívica, o círculo virtuoso da cidadania: aplicação do modelo de Putnam aos residentes do bairro de Caselas*, Lisboa, ISCSP/UTL

Ao longo da minha vida académica, tenho vindo a comprovar a tese de Paulo Freire (1972) que afirmava, recorrentemente, que uma das características que distingue a *educação dialógica* da *educação bancária* é que na primeira o ensinante, seja ele professor ou formador, aprende sempre com o saber do aprendente, seja ele aluno ou formando. O trabalho que tenho o gosto de apresentar da autoria de Sofia Correia é a prova disso mesmo. Ao longo da sua construção, senti a curiosa sensação de que o meu papel de orientador estava a ser disputado pelo de *co-laborador* e, mais adiante, pelo de *aprendente da aprendente*.

Trata-se da versão para público da dissertação de Mestrado em Sociologia, defendida no ISCSP/UTL, intitulada *Capital social e comunidade cívica, o círculo virtuoso da cidadania: aplicação do modelo de Putnam aos residentes do bairro de Caselas*, que a autora submeteu a um júri constituído por João Bilhim, que presidiu, por Juan Mozzicafredo, que arguiu e por mim próprio que orientei.

A citação inicial de Ander Egg (1995) sobre a crise contemporânea e as prioridades para a sua superação, fornece desde logo uma primeira pista sobre a opção epistemológica da autora, pela Sociologia de Intervenção e pela responsabilidade do investigador *do campo do social* em contribuir para a construção do destino comum. Como tenho afirmado noutros locais, trata-se de uma escolha corajosa, por se expor à crítica de uma dada Sociologia asséptica, herdeira do mito positivista da neutralidade da Ciência, que entendia que as Ciências Sociais se deveriam resguardar do tentação de serem úteis para a intervenção social e política, sob pena de deixarem de ser Ciências de corpo inteiro.

A conjuntura

A conjuntura de anomia global que se vive no início do milénio, decorrente da planetarização, prevista há várias décadas por Teillard de Chardin, por Lebret e por outros pensadores mais ou menos negligenciados¹, tem sido recentemente analisada por diversos autores.

¹Como se sabe, Chardin esteve diversos anos impedido de publicar pela Igreja Católica, só o podendo fazer após o Concílio Vaticano II. A obra de Lebret, apesar de legitimada por João XXIII que o convidou para conselheiro dos padres conciliares, nunca foi suficientemente debatida. No mesmo grupo dos

Fukuyama (2000), por exemplo, sugere que nas últimas décadas do século XX os alicerces da sociedade contemporânea foram seriamente danificados por aquilo a que chama *a grande ruptura*, cujos efeitos se observam sobretudo em três domínios: no acréscimo da delinquência², na desagregação da família nuclear e no declinar da confiança. De acordo com este autor, as três tendências conjugadas têm vindo a baixar perigosamente o *capital social*³ com evidentes efeitos desagregadores, urgindo reconstruir a ordem social do século XXI na base da confiança entre os seres humanos.

Outros autores têm vindo a defender vigorosamente a necessidade de combater as *identidades assassinas* (Malouf, 1999), valorizando as múltiplas pertenças de cada ser humano sem as amputar, na consciência da unidade do género humano e na convicção, dos seus objectivos comuns (Dalai-Lama, 2000) e da eficácia da colaboração pacífica para a resolução dos problemas (Muller, 1997, 1998).

Recentemente, Hans-Peter Martin e Harald Schumann (1998) procurando analisar o fenómeno da *glocalização*⁴ estimavam que, a manterem-se as macrotendências actuais, dentro de algumas décadas apenas dois décimos da humanidade teriam possibilidades de ter uma vida com a qualidade exigida pelos direitos humanos internacionalmente consagrados. Para prevenir a consolidação desta catastrófica *sociedade dos dois décimos*, propunham 10 medidas de fundo, algumas das quais exigem uma sociedade civil forte, organizada e informada.

Na mesma linha de raciocínio, Alvin e Heidi Toffler (1995: 175-215), consideram indispensável desenvolver três estratégias globais para fazer face aos novos desafios: dar maior *poder às minorias* que o não têm, criar uma *democracia semi-directa*, tirando partido das novas tecnologias de informação e comunicação, e promover *novas regras de distribuição das decisões*.

profetas negligenciados, Toffler tem vindo a ser considerado um sociólogo menor por uma certa Academia que tem dificuldade em sair da sua cómoda fortaleza e dialogar com os comuns mortais. Curiosamente, este último autor tem sido levado muito a sério por outros sectores sociais, nos domínios económico, político e militar.

² Esta tendência não é, no entanto, tão evidente como o alarmismo da comunicação social faria supor: entre nós, vide Lourenço, N. e Lisboa, M., (1998).

³ *O capital social pode ser definido simplesmente como um conjunto de valores informais ou normas partilhadas pelos membros de um grupo e que permite a cooperação entre essas pessoas* (Fukuyama, 2000: 36)

⁴ Alguns autores designam por *glocalização* o processo simultâneo e de forças opostas a que as sociedades contemporâneas (e os seres humanos individualmente considerados) estão sujeitas, de *globalização* e de *localização*

Os exemplos poderiam multiplicar-se. Estes são suficientes para salientar a necessidade de uma gigantesca ressocialização no sentido da construção daquilo que Adriano Moreira designou recentemente por *cidadania cosmopolita* (Moreira, 2001), isto é uma consciência planetária de direitos e de deveres Universais que possam reconstruir o *capital social* acima referido.

A obra

É neste contexto, reforçado dramaticamente pelos acontecimentos recentes ligados à questão do terrorismo e à violência urbana em vários países, que se situa a grande actualidade da presente obra. Nela se encontra de forma estimulante, articulação entre a compreensão teórica do conceito de capital social, a sua visualização no terreno e a enunciação de algumas pistas para a construção do *círculo virtuoso da cidadania*.

Para o efeito, Sofia Correia começa por abordar o conceito de cidadania, e a sua evolução ao longo das épocas clássica, moderna e pós-moderna. Num segundo capítulo, analisa detalhada e criticamente, os conceitos de *capital social* e de *comunidade cívica*. A sua leitura é estimulante, desafiando-nos a reflectir sobre várias questões de grande relevância teórica e prática. À laia de exemplo vejamos duas, de forma topicalizada:

- Antes de mais, se a formação do *capital social* assenta na existência de uma base de *confiança* entre os elementos de uma dada comunidade, interessa investigar os seus *efeitos* no desenvolvimento das inteligências dos sujeitos (Gardner, 1995, 2000a e 2000b). Esta questão é da máxima relevância, numa sociedade em que "o narcisismo abole o trágico e surge como uma forma inédita de apatia feita de sensibilização epidérmica ao mundo e simultaneamente de profunda indiferença em relação a ele" (Lipovetsky, 1988: 50).
- Em segundo lugar, urge entender e analisar criticamente os *efeitos sociais* do capital social (ou da sua falta) na *coesão social* da comunidade. Dito de outro modo, se o *capital social* dá um *lastro de identidade* às comunidades⁵, em si mesmo não é bom nem mau, contrariamente à visão optimista de Putnam, uma vez que a confiança e a coesão podem implicar manipulação e orientação para a formação de *identidades assassinas*

⁵ Castels sugere três formas de construção das identidades: decorrente de instituições dominantes (*identidade legitimadora*), e criada por sujeitos que se encontram em posições desvalorizadas, ou como forma de resistência aos grupos dominantes (*identidade de resistência*) ou como forma anunciadora de alternativas transformadoras (*identidade de projecto*) (Castels, 2003: 4)

(Malouf, 1999). Como capital que é, é neutro, podendo ser utilizado para fins legítimos ou ilegítimos. Quando o nível de capital social é baixo, a resistência à mudança não é grande mas a anomia é elevada. Se, pelo contrário, o nível de capital social é elevado, a coesão social e o sentimento de pertença são altos, mas, em contrapartida, a resistência à mudança e o controle social são elevados, criando-se condições propícias ao florescimento de atitudes fundamentalistas.

No seguimento dos capítulos anteriores, a autora debruça-se depois sobre o processo de produção do capital social, considerado como um desafio colectivo feito às famílias, às escolas, ao meio profissional e às comunidades, no sentido de reconstruir uma rede social susceptível de melhorar a qualidade de vida às pessoas.

Na segunda parte, é apresentado o estudo empírico do capital social do Bairro de Caselas, com resultados significativos, a partir de um modelo de análise apresentado no texto. Os resultados são interessantes, apontando para valores superiores aos nacionais, parecendo confirmar a hipótese do peso do associativismo para a formação do capital social. Trata-se, em suma, de uma obra útil para quem se debruce sobre as questões da regeneração urbana e da educação para a cidadania.

Referências bibliográficas:

- Ander-Egg, Ezequiel, 1995, *Introdução ao trabalho social*, Petrópolis, Vozes
- Carmo, Hermano, 1983, *Não violência activa e sistema político*, "Estudos Políticos e Sociais" (1-2), Lisboa, ISCSP.
- Carmo, H., 1998, *O desenvolvimento comunitário no dobrar do século*, in Barata, O. S., 1998, coord. *Política Social*, Lisboa, ISCSP
- Carmo, H., 1999, *Desenvolvimento comunitário*, Lisboa, Universidade Aberta
- Carmo, H., 2000, *Intervenção social com grupos*, Lisboa, Universidade Aberta
- Castels, Manuel, 2003, *O poder da identidade*, in *A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vol 2
- Dalai-Lama, 2000, *Ética para o novo milénio*, Lisboa, Círculo de Leitores
- Freire, Paulo, 1972, *Pedagogia do oprimido*, Porto, Afrontamento
- Fukuyama, Francis, 2000, *A grande ruptura*, Lisboa, Quetzal Editores
- Gardner, Howard, 1995, *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*, Porto Alegre, Artmed
- Gardner, Howard, 2000a, *Inteligência: um conceito reformulado*, Rio de Janeiro, Objectiva
- Gardner, Howard, 2000b, *Inteligência: múltiplas perspectivas*, Porto Alegre, Artmed.
- Lipovetsky, Gilles, 1988, *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa, Relógio d'Água
- Lourenço, N. e Lisboa, M., 1998, *Dez anos de crime em Portugal: análise longitudinal da criminalidade participada às polícias (1984-1993)*, Lisboa, Gabinete de estudos Jurídico-sociais do Centro de Estudos Judiciários
- Maalouf, Amin, 1999, *As identidades assassinas*, Oeiras, Difel
- Magalhães, Inês, 2002, *Cidadania cosmopolita intercultural: uma utopia do presente?*, Lisboa, Universidade Aberta, polic..
- Martin, H.-P. e Schumann, H., 1998, *A armadilha da globalização: o assalto à democracia e ao bem estar social*, Lisboa, Terramar
- Moreira, Adriano, 2001, *Cidadania activa e direitos sociais*, in Simpósio Sobre os Direitos Sociais na Europa, Lisboa, Comité Português do International Council on Social Welfare (CPCISS)/ICSW Região Europa
- Muller, Jean-Marie, 1997, *Princípios e métodos de intervenção civil*, Lisboa, Instituto Piaget
- Muller, Jean-Marie, 1998, *O princípio de não violência: percurso filosófico*, Lisboa, Instituto Piaget
- Toffler, Alvin e Heidi, 1995, *Criando uma nova civilização*, Lisboa, Livros do Brasil